

**MEMÓRIAS DE SANGUE: HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADES INDÍGENAS NO POVOADO
SANGUE (URUÇUÍ-PIAÚÍ)**

João Paulo Peixoto **COSTA**^{1*}, Ianaely Ingrid Alves e **SILVA**², Allana Adne Oliveira de **LA-
CERDA**³, Kamila Silva dos **SANTOS**³, Marília Gomes **COELHO**³.

¹Professor do Instituto Federal do Piauí, campus Uruçuí. Líder do Grupo de Pesquisa em Ciências Humanas e Linguagens no Cerrado. Endereço: Av. Roraima, nº 2940, bloco 3, apto 304, Primavera, Teresina, Piauí.

*Autor correspondente. E-mail: joao.peixoto@ifpi.edu.br

²Graduanda em Ciências Biológicas, Instituto Federal do Piauí, campus Uruçuí. E-mail: ianaelyingrid@hotmail.com

³Técnica em Agroindústria, Instituto Federal do Piauí, campus Uruçuí. E-mail: allanaadneoliveira@gmail.com; santtoskamila4@gmail.com; mariliacoelha23@gmail.com

Recebido: 06.03.2019 Aceito: 11.06.2019

<http://doi.org/10.29327/ouricuri.v9.i1.a5>

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar as relações estabelecidas pelas memórias indígenas – costumes, crenças, tradições e identidade – que se conectam à luta pela posse da terra no povoado Sangue, zona rural de Uruçuí, no Piauí. Por meio da metodologia da história oral, registramos entrevistas e investigamos a oralidade de uma família que afirma descender de uma índia sobrevivente de um massacre do século XVIII. Suas lembranças acerca da ancestralidade, lugares de memórias e relações de trabalho com potentados da região fundamentam suas identidades e anseios de conseguirem reaver na justiça a terra de seus antepassados.

Palavras-chave: Índios; Oralidade; Terra; Historia rural.

**BLOOD MEMORIES: ORAL HISTORY AND INDIGENOUS IDENTITIES IN SANGUE HAMLET
(URUÇUÍ-PIAÚÍ)**

Abstract: The purpose of this article is to analyze the relationships established by the indigenous memories – customs, beliefs, traditions, and identity – that connect to the struggle for land tenure in the village of Sangue, rural area of Uruçuí, in Piauí. Through the methodology of oral history, we recorded interviews and investigated the orality of a family claiming to descend from an Indian woman survivor of an eighteenth-century massacre. Their memories of ancestry, places of memories, and working relationships with potentates of the region ground their identities and longings to regain justice in the land of their ancestors.

Key words: Indians; Orality; Land; Rural history.

**MEMORIAS DE SANGRE: HISTORIA ORAL Y IDENTIDADES INDÍGENAS EN EL PUEBLO
SANGUE (URUÇUI-PIAÚÍ)**

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar las relaciones establecidas por las memorias indígenas – costumbres, creencias, tradiciones e identidad – que se conectan a la lucha por la posesión de la tierra en el pueblo Sangre, zona rural de Uruçuí, en Piauí. Por medio de la metodología de la historia oral, registramos entrevistas e investigamos la oralidad de una familia que afirma

descender de una India sobreviviente de una masacre del siglo XVIII. Sus recuerdos acerca de la ancestralidad, lugares de memorias y relaciones de trabajo con potentados de la región fundamentan sus identidades y anhelos de conseguir recaer en la justicia la tierra de sus antepasados.

Palabras clave: Indios; Oralidad; Tierra; Historia rural.

INTRODUÇÃO

Muitos “podem ser os questionamentos e respostas referentes” à escrita de uma história, na qual cada “indagação e cada resolução estarão vinculadas a um determinado tempo e espaço”. Segundo Marcus Pierre Baptista, a memória e a cultura dos indígenas no Brasil foram por muito tempo colocadas de lado ou estudadas “apenas em seu contato com os europeus”, geralmente focando no extermínio físico ou cultural dos primeiros. “Sendo assim, é necessário destacar que ao se tratar do Piauí a historiografia até o final do século XX afirmava que o elemento indígena havia sido completamente exterminado. Contudo, estudos recentes discordam desta perspectiva ao ressaltar a presença contemporânea dos povos indígenas no Piauí” (BAPTISTA, 2017, p. 2).

As diferentes memórias fazem parte dos elementos que compõem as identidades e são fontes imprescindíveis para a escrita da história de uma comunidade. Muitas vezes, nos fornecem versões do passado que frequentemente fogem dos oficiais, ausentes em obras que costumam privilegiar os “grandes nomes” (SANTANA, 2011). Essas reflexões nos levam a relacionar o caso do Sangue com o de diversas outras localidades espalhadas pelo Brasil, especialmente no Nordeste, onde a tese do extermínio dos índios torna-se insustentável diante do posicionamento de diversos grupos que afirmam suas identidades indígenas, a partir de etnônimos há tempos tidos como extintos, e que os índios, apesar do massacre, não foram completamente dizimados (PALITOT, 2009).

Sangue é o nome de um dos vários povoados que compõem a extensa zona rural de Uruçuí, município de maior área territorial do Piauí e conhecido por ostentar uma renda per capita que chega a ultrapassar a de Teresina, capital do estado. Tamanha disparidade, que exclui os pobres dos fartos lucros anuais, também se expressa na memória da cidade, que exalta grandes personalidades da política e esconde momentos de violência que fizeram parte da construção do município e da própria história fundiária da região

Os relatos acerca da formação do Sangue são exemplares nesse sentido. Como defende Anchieta Santana, faz-se necessário contestar uma história de Uruçuí e do Piauí baseada em uma “repetição enfadonha de fatos sobre a hoje zona urbana [...], apresentados como verdade absoluta”. Segundo ele, as origens no município estariam nos lugarejos rurais, especialmente neste que abordamos, onde expedições no século XVIII “derramaram o sangue de adultos e crianças” indígenas, jogando “no lixo da história a cultura e a trajetória de muitas vidas” (SANTANA, 2011).

As versões e mitificações institucionalizadas nos municípios que compõem o cerrado piauiense silenciaram a respeito do processo de concentração, expansão e grilagem de terras desde, pelo menos, meados do século XX. Como afirma Michel Foucault, o discurso, mais do que apenas

traduzir "as lutas e os sistemas de dominação", é "aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos podemos apoderar" (1996). A partir disso, entendemos que a narrativa dos nativos do Sangue, baseada em suas memórias, fundamentam suas identidades indígenas e relações com a terra. Relatando-as, traçam suas próprias concepções de direito ao território, o que lhes era negado há poucas décadas atrás.

A miscigenação, descrita em documentos oitocentistas como "mistura na massa geral da população", era o argumento principal para afirmar que os índios não existiam mais enquanto grupos étnicos identificáveis ou mesmo autodeclarados. Segundo Monteiro (2001), a própria historiografia, desde meados do século XIX, era dona de uma "vertente pessimista com fortes desdobramentos na política indigenista que se esboçava no Império". O objetivo de tal discurso, propagado principalmente pelos governos, era a abolição de prerrogativas políticas indígenas – boa parte delas datadas do período colonial – para a conveniente liberação de suas terras – que passariam à condição de "devolutas" ou de "próprio nacional" – e sua integração como mão-de-obra barata. Ou seja, a população "cabocla", além de originária da inegável mestiçagem característica da população brasileira, também serviu enquanto estratégia discursiva para invisibilizar diversos grupos indígenas. Tais comunidades, já nos oitocentos, tinham costumes bem diferentes de seus antepassados de séculos anteriores, portando culturas e fenótipos bastante semelhantes à da sociedade envolvente.

Durante séculos de contatos, políticas governamentais e legislações abertamente obrigavam os índios a abandonar suas tradições ancestrais e adotar hábitos europeizados – nos âmbitos religiosos, familiares, de trabalho, de vestiário, etc. Os índios, por sua vez, operacionalizavam tais coerções, e, longe de assumirem posições passivas, procuravam agir em benefício próprio e de suas comunidades a partir desses mesmos elementos que eram obrigados a vivenciar, praticando culturas políticas próprias, indígenas. Com a formação do Estado nacional brasileiro e o desenvolvimento de uma conjuntura a eles extremamente negativa, o silêncio em torno de suas identidades foi, muitas vezes, uma questão de sobrevivência a diversas comunidades. Entretanto, principalmente com a promulgação da Constituição de 1988 – que contou com a atuação de movimentos indígenas e indigenistas – diversas etnias, que até então viviam mudas em relação à suas memórias e ancestralidades, passaram a se manifestar vigorosamente. Como defendia Monteiro (1995), desde o final da década de 1990, a "principal voz discordante" da tese do extermínio "pertence aos próprios índios que, através de novas formas de expressão política – tais como organizações indígenas –, reivindicam e reconquistam direitos históricos".

O contexto relatado acima serve de referência para a formulação de uma série de hipóteses por meio das quais conduziremos nossa investigação. Mesmo porque, como afirma Oliveira (1998), diante de comunidades com poucos sinais diferenciadores dos não-índios, a principal referência para sua *indianidade* está justamente nas memórias que os ligam aos antepassados indígenas. A tese do extermínio, propagada também pelos naturais do lugarejo, não condiz com existência de memórias a respeito de uma ancestralidade com os índios do passado. Sem negar a materialidade dos

massacres que ocorreram na povoação em séculos anteriores, acreditamos que restaram sobreviventes que, de alguma forma, conseguiram permanecer nas redondezas e passaram para seus descendentes os relatos do que ocorreu.

A hipótese principal, e que se relaciona diretamente com a necessidade de uma urgente renovação teórica e metodológica na historiografia piauiense, é que o extermínio dos índios de Uruçuí foi muito mais um discurso com interesses políticos de poderosos da região do cerrado, especialmente antigos latifundiários, do que um fato inquestionável. Se é epistemologicamente impossível comprovar a inexistência de algo, certamente é plenamente viável demonstrar a insustentabilidade da tese, defendida por importantes figuras da intelectualidade do Estado, de que as violências contra os índios, ainda no período colonial, foi uma farsa discursiva (COSTA, 2011). A principal, mas não única, evidência disso é o mais importante patrimônio cultural dos naturais do povoado Sangue: suas próprias memórias.

O Piauí atualmente passa por um processo que outros Estados do Nordeste viveram em décadas anteriores. Apesar da ideia de extinção ser ainda predominante, comunidades vêm se organizando e proclamando suas identidades e ancestralidades indígenas (COSTA, 2011; FRANCO, 2014). Segundo o censo do IBGE de 2010, cerca de 3 mil pessoas se declaram índias em solo piauiense, e neste mesmo ano foi instalada a primeira sede da Funai do Estado. O movimento indígena no Piauí atualmente se manifesta em torno das etnias tabajara, com comunidades nos municípios de Piripiri e Lagoa do São Francisco, kariri, em Queimada Nova (COSTA, 2011; FRANCO, 2014) e gamela, em Currais, Santa Filomena, Baixa Grande do Ribeiro e Bom Jesus.

A quantidade de grupos que se declaram indígenas pode ainda ser maior, haja vista a dificuldade que podem estar sujeitos no que diz respeito à organização política, à estrutura de comunicação com órgãos indígenas e indigenistas ou à repulsa em relação a identidade indígena por parte de diversos setores da sociedade e até mesmo de alguns de seus próprios membros (COSTA, 2011; FRANCO, 2014). Diante do exposto o trabalho teve como objetivo investigar as relações estabelecidas pelas memórias indígenas (costumes, crenças, tradições e identidade) dos nativos do Povoado Sangue, município de Uruçuí, e os processos pela posse das terras e relações de trabalho.

Material e métodos

A pesquisa se deu no âmbito de um projeto desenvolvido no Instituto Federal do Piauí, campus Uruçuí. O primeiro passo foi a formação das bolsistas envolvidas tanto na metodologia da história oral quanto em questões relativas à temática indígena no Nordeste contemporâneo, a partir de estudos de textos teóricos. Em seguida, tiveram uma capacitação para utilização de material de audiovisual, para, em seguida, partirem para campo.

Os registros das narrativas foram precedidos da listagem das possíveis pessoas entrevistadas e da produção de um roteiro flexível de perguntas e temas a serem abordados. Os escolhidos foram todos membros da família, com idade entre 50 e 80 anos, e foram protagonistas da expulsão

que sofreram do povoado na década de 1970. As gravações foram realizadas nos municípios de Uruçuí e Benedito Leite, no Maranhão, e tiveram seu material postado em mídias sociais de outro projeto desenvolvido no campus¹. A partir do conteúdo disponível foi feita a análise para a produção deste texto.

Resultados e discussão

Para enfrentarmos o desafio de não apenas preencher as lacunas e omissões deixadas pelos historiadores passados, eliminando o pessimismo enraizado pelos anos de ignorância e a convicção na degenerescência dos povos indígenas, nos embasamos nas atuais críticas à etnografia tradicional, que trata o estado do Piauí como sendo um dos únicos que eliminou todos os povos nativos e suas culturas.

Foram grandes os esforços dos europeus, direcionados à subordinação dos índios. Muitos tiveram seus rastros apagados, submeteram-se forçadamente e tiveram suas imagens silenciadas, ou vistas sob uma perspectiva de aculturação. Os índios foram objeto de um intenso debate que atravessou o século XIX, como relata John M. Monteiro. Até a década de 1990, parecia prevalecer entre os historiadores brasileiros a visão de exclusão dos índios como legítimos autores, pouco visíveis enquanto sujeito histórico e encontrados em vias de desaparecimento (MONTEIRO, 2001). Apesar dos muitos avanços, ainda hoje, a história dos índios no Brasil costuma ser contada como uma crônica de sua extinção.

De acordo com os trabalhos de Luiz Mott (1987/88/89) e Juciene Apolinário (2005), uma bandeira liderada por João do Rego Castelo Branco atuou entre 1764 e 1765 em perseguição aos gueguês. Segundo Apolinário (2005), descendo,

“sorratamente, o rio Uruçuí os soldados da bandeira logo avistaram algumas mulheres Gueguê que tinham se distanciado do seu grupo com o objetivo de buscar alimentos. Ao serem avistadas sem nenhuma chance de se defenderem foram atingidas pelas armas de fogo dos soldados. Duas foram mortas, algumas conseguiram fugir e uma foi aprisionada. A desculpa do comandante da bandeira é que queriam matá-las para que não fossem informar aos outros indígenas a presença da bandeira”.

A documentação não nos permite confirmar se esta índia sobrevivente era, de fato, a índia de quem o povo do Sangue descende. Ainda assim, a semelhança é impressionante, e o caso nos indica que histórias como essa devem ter ocorrido comumente no complexo processo de colonização do Piauí: grupos de proprietários organizavam bandeiras de ataque contra indígenas objetivando liberar terras para pastagem e, eventualmente, agregavam às suas famílias ou empregados as mulheres e crianças sobreviventes. Portanto, para os nativos do Sangue, as histórias que propagam a versão do “extermínio dos índios” são falsas, já que nem todos se acabaram: “sobrou

¹ Arquivo Histórico On-line da Região de Uruçuí (AHORU). Disponível em: <https://sites.ifpi.edu.br/ahoru/>

uma”. Segundo Raimundo (Entrevista concedida por Raimundo Alves dos Santos. Uruçuí- PI, 2 de fevereiro de 2018),

“a história dos índios [...] ficou escondida dentro da história... ficou só contada mesmo entre família porque não foi publicada no livro de Uruçuí, na história de Uruçuí, porque prejudicaria a família dos Coelhos, do velho Manoel Leal, que foi quem pegou todas as terras da região”.

Há consciência entre os naturais do Sangue que os fatos contados e omitidos na história da região são oriundos de interesses das elites locais. Portanto, as memórias e identidades indígenas do povoado se constituem como sérias ameaças às famílias que, desde muito tempo, são mandatárias no município e que são acusadas de grilagens ocorridas já no século XX. De acordo com Sebastião Borges, desde a década de 1950 o povo do Sangue vem sendo “expulso da terra lá, porque a terra lá, toda vida, foram deles lá [dos índios e seus descendentes], e chegaram o pessoal lá, e foram tomando”. (Entrevista concedida por Sebastião Pereira Borges. Uruçuí- PI, 2 de fevereiro de 2018). Dentre estes mandatários estavam Ribamar Coelho e Sebastião Leal, antigo prefeito de Uruçuí e senador pelo Piauí, respectivamente.

Acreditava-se inicialmente na ocorrência de um genocídio no povoado Sangue, mas pelas falas de muitos nativos, identificamos que desse massacre acontecido no século XVIII, e da sua sobrevivente, muitas memórias restavam. De acordo com dona Raimunda – descendente da índia sobrevivente do massacre – respondendo à pergunta se ainda havia índios no Piauí, ela disse: “*Existe, olha eu aqui*”. (Entrevista concedida por Raimunda Pereira Borges. Benedito Leite - MA, 14 de fevereiro de 2018).

Os movimentos em prol da nova história indígena têm avançado muito nessas últimas décadas, vivificando os debates acadêmicos com novas abordagens que têm ganhado cada vez mais força. A nossa tarefa não se baseou em objetividade ambígua, em arrecadar os fatos e deixar que nós filosofemos, pois exorcizar a subjetividade torce o significado próprio dos fatos, como indaga Portelli (1996). A subjetividade diz respeito ao indivíduo, e isso foi exatamente o que queríamos: ouvi-los e deixar que suas vozes e emoções, outrora caladas, acerca dos fatos acontecidos, viessem à tona. Tratamos sobre identidade, e sua subjetividade foi um elemento incontrolável. Pretendemos não apenas resgatar esses esquecimentos, mas antes remir suas próprias histórias.

Em um artigo do professor e escritor Santana (2011), ainda na década de 70, nas veredas e matas do povoado Sangue, eram encontrados muitos vestígios e pedaços de objetos pertencentes à cultura indígena que ali se desenvolveu por centenas de anos.

Revelou-se, portanto, as incongruências entre as narrativas prevalecentes até então, que afirmava o extermínio total. E a principal voz discordante em enfática negação a essas narrativas pertence aos próprios índios. Mas, dificilmente grupos ou indivíduos tinham coragem para identificarem-se como índios, já que seriam tidos como “brutos” e ainda teriam suas vidas postas em risco.

O processo de afastamento das suas terras, descrito pelos nativos do povoado Sangue era violento, como é evidente na fala de Sebastião Pereira Borges a respeito da expulsão das terras: *“aí ele foi e falou lá para o pessoal que disse que a raça da Badoga vai embora, que os ‘pé leva’, mas a barriga trás, só que quando chegar aqui não vai ter mais lugar pra eles não que eu vou botar veneno na casa e boto veneno na casa. Aí nos viemos embora. Aí nos fiquemos aqui em casa alugada e por aí”* (Entrevista concedida por Sebastião Pereira Borges. Uruçuí- PI, 2 de fevereiro de 2018).

Sebastião deixa explícito em sua fala, o que as elites políticas faziam aos que pouco possuíam e que a ninguém tinham para recorrer: *“Tudo ruim, lá era muito ruim, lá a gente vivia mandado, humilhado por aí, eu não tenho memória boa de lá, eles chegavam lá e ficavam, ele não chegava lá e pediam. O encarregado chegava lá e não dizia assim: Da ‘pra’ você fazer isso? Não, eles chegavam lá e mandavam fazer, fulano, fulano e fulano é ‘pra’ fazer isso. O homem mandou: é ‘pra’ fazer isso; então todo mundo tinha que fazer e pronto”* (Entrevista concedida por Sebastião Pereira Borges. Uruçuí- PI, 2 de fevereiro de 2018)

Suas terras foram tiradas sem muitas explicações, e se quisessem permanecer, teriam que se submeter a situações consideradas por eles como escravidão. Sebastião relata como os pobres não tinham forças para defender o que eram de suas posses, suas vozes eram silenciadas: *“O bom hoje é que você pode um ‘meno’ falar..., mais como eu tô falando pra vocês aqui, se fosse uns anos atrás, eu não ‘pudia’ nem falar pra vocês aqui”* (Entrevista concedida por Sebastião Pereira Borges. Uruçuí, 2 de fevereiro de 2018)

Existe ainda muito desconhecimento sobre as identidades indígenas e a diversidade étnica e cultural desses grupos. Trata-se de ideologias construídas ao longo dos séculos sobre o que deveria ser um índio. Tem-se ainda uma imensa ideia entre os pertencentes do povoado Sangue que somente os mais velhos seriam verdadeiros índios. Como na fala de Sebastião P. Borges, ao ser questionado se seria um índio: *“Não, acho que não, porque nós somos mais para cá”* (Entrevista concedida por Sebastião P. Borges). Sebastião teria ficado confuso, porque afinal das contas, o que é ser índio? Ser índio é viver na mata e não usar roupas? É possível ser índio e não usar um cocar ou pintar-se?

Logo após ter sido questionado sobre sua identidade, Sebastião foi levado a pensar de forma mais crítica sobre o parentesco de uma bisavó para com um bisneto (situação dele para com a sobrevivente do massacre). Um bisneto não deixa de ter a etnia de sua bisavó só porque não pratica os mesmos hábitos e costumes. E conclui, ao ser questionado novamente sobre se seria um índio: *“Se ela era uma índia, e eu sou seu bisneto, então eu acho que também sou.”* (Entrevista concedida por Sebastião Pereira Borges. Uruçuí- PI, 2 de fevereiro de 2018).

Para João Paulo Costa (2017), o conceito mais presente no debate indígena da atualidade é o de retomada. *“Existem os índios do Nordeste que há 300 anos falam português e vestem roupas e não deixam de ser índios. Não existe um nível de ‘indianidade’ maior que outro. O índio que vive*

pelado em comunidade não é mais índio que o que vive na zona urbana. Isso está começando a ficar claro e presente dentro dos debates e faz toda diferença dentro do conceito de retomada”.

É mister ressaltar que a figura do índio construída ao longo dos anos, desde o processo de colonização, foi frequentemente distorcida, sendo utilizados adjetivos pejorativos em relação aos mesmos. Essas ideias enganosas envoltas sobre a identidade dos indígenas levaram muitas pessoas a negarem seu passado e a não se reconhecerem como tal, além de indagarem o que isso significa exatamente. Além disso, para muitos é vergonhoso se autodeclarar indígena por medo de sofrer retaliações e ser malvisto pela sociedade.

A compreensão de trazer à tona as histórias de um povo esquecido e silenciado pelo processo civilizatório coloca em evidência os reais interesses de um determinado grupo manter todo esse passado encoberto, envolvendo muitas disputas territoriais, que duram até hoje, além da violência que esses povos sofreram e do silêncio a que alguns ainda são submetidos. Quando o entrevistado Raimundo Delmiro foi questionado do real motivo dos índios e dos seus descendentes serem os que mais sofreram no passado, ele respondeu: *“É porque eles moravam e trabalhavam nas terras que foram grilladas. Isso deixa evidente que uns dos maiores motivos para expulsarem os indígenas era justamente o interesse por suas terras”.* (Entrevista de Raimundo Alves dos Santos. Uruçuí, 06/04/17)

E o desejo de lutar pelo Sangue, terra dos antepassados que ali viviam e que derramaram o sangue por elas fica explícita em uma fala de Sebastião, descendente da índia que sobreviveu: *“O Sangue é para ser nosso! Entendeu? Pode ser que nós não ‘ganhe’, mas nós ‘vamo’ brigar!”.*

Os índios do povoado Sangue ainda lutam pelo reconhecimento, assim como outros povos indígenas no Piauí. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o Piauí possui 2.944 pessoas que se autodeclararam indígenas; desses, 1.333 só em Teresina. Para o representante da Funai no Piauí, Romeo Tavares, os números já estão defasados e um novo levantamento precisa ser realizado.

É preciso desmistificar a ideia de extermínio sobre os índios do Povoado Sangue que ainda hoje é levado adiante. A palavra “extermínio” era a mais utilizada quando o assunto da presença de indígenas no território piauiense era debatido. Tais reflexões nos levam a relacionar o caso do Sangue com o de diversas outras localidades espalhadas pelo Brasil, especialmente no Nordeste, “onde a tese do extermínio dos índios torna-se insustentável diante do posicionamento de diversos grupos que afirmam suas identidades indígenas, a partir de etnônimos há tempos tidos como extintos”.

José Raimar, um índio da nação Guajajara, faz o seguinte comentário sobre o assunto: *“Quando a gente encontra um parente é uma emoção muito grande. Até pouco tempo, a verdade é que as pessoas tinham medo de se identificar com índios. Temos um histórico de massacre absurdo e, por isso, chegou-se ao ponto de dizer que no Piauí não tinha mais índio. Mas a presença do índio no Piauí é enorme, desde o índio que habitou essas terras e pescava no Rio Poti ao indígena de hoje, que está espalhado por todo o Estado e estamos lutando para identificar todos”.*

Em relação a este projeto não é diferente. Pretendemos identificar a presença de índios no território de Uruçuí, especificamente, no lugar que hoje é conhecido como povoado Sangue, reconhecendo suas memórias como parte fundamental e integrante da história do povoado, sendo elas parte dos elementos que compõem as identidades e fontes imprescindíveis para a escrita da história dessa comunidade.

Ainda faltam muitas questões a serem abordadas. Enquanto a família indígena alega que foi expulsa das terras por Ribamar Coelho, outras pessoas por ele beneficiadas apenas ressaltam suas “generosidades” e falam muito pouco sobre a presença e expulsão dos índios. Quais são os interesses nesse suposto esquecimento? Como falar de extermínio se ainda restam memórias? Quais as intenções de alegar que houve um “extermínio” sem antes investigá-lo? E porque alguns recusaram-se a revelar suas identidades durante as entrevistas? Seria medo ou vergonha da exposição? Essas memórias entram em choque no momento de reconstrução dos fatos, e é interessante analisar como essas lembranças vão compondo a trajetória dos descendentes da única índia sobrevivente.

Os costumes e tradições dos antigos indígenas do Sangue foram esquecidos quase que completamente. Os descendentes de hoje pouco se lembram do que foi repassado pelos seus antepassados, e alguns entrevistados se questionam o porquê de muitos se recusarem a pesquisar e ouvir as histórias que eles tinham para contar e que ficaram em segredo durante muito tempo. Afirmam que antes não havia quem se interessasse em ouvir sobre aquilo que tinham a falar, principalmente os mais novos, e mesmo aqueles que eram descendentes de índios recusavam-se a serem chamados dessa forma.

É uma grande missão lutar para que as memórias dessas pessoas não sejam apagadas, mas que elas sejam reconhecidas, principalmente, por todo o histórico de lutas enfrentadas por eles, e por aquilo que foi construído ao longo do tempo, na qual os índios sempre precisaram lutar para ter seu espaço, tanto em direitos políticos, como também para deixar sua cultura viva. O líder indígena Almir Narayamoga Suruí, quando entrevistado sobre a existência de desafios que os índios ainda precisariam enfrentar adiante, deixou claro que ainda existem muitos a serem enfrentados, e para isso é necessário um posicionamento para conquistar direitos e critérios que garantam que os costumes e a cultura indígena sejam mantidas vivas.

Considerações Finais

Ao decorrer do estudo sobre os povos indígenas o protagonismo foi dado às memórias do povoado Sangue que pertence ao município de Uruçuí - PI, conhecendo as pessoas nas quais carregam consigo seu maior tesouro: os acontecimentos narrados durante várias gerações que fazem parte da uma família.

Para poder entender o que aconteceu no Sangue, precisamos desmitificar tudo aquilo que achávamos que conhecíamos sobre a cultura indígena e sua trajetória, evidenciando o que muitos

desconhecem sobre como foi que ocorreu a ocupação dos territórios realizadas por colonizadores portugueses.

Muitos massacres aconteceram nos sertões do Piauí, as memórias repassadas sobre esse acontecimento em Uruçuí é uma fonte histórica imaterial, nas quais não podemos apenas deixar expostas em um determinado local para apreciação do público, mas sim, levar adiante para que essas memórias não se acabem.

A escrita dessas memórias e o armazenamento dessas informações é de grande valor para a comunidade à qual pertence-as. As transcrições das entrevistas e a divulgação do material fazem parte da responsabilidade da sociedade como um todo, e é nosso dever cuidar para que eventos assim não ocorram novamente. Os povos indígenas não foram todos extintos, nem apenas fazem parte do folclore brasileiro, mas carregam consigo hoje marcas de violências historicamente cometidas contra eles.

Portanto, o trabalho realizado mostra que as narrativas e os lugares de memória desse povo, como o cemitério dos índios, são comprovações do que aconteceu por lá. O objetivo atual dessa família é recuperar uma região que assumem pertencer a eles, as histórias contadas são fontes e os dados coletados serão recursos para pesquisas no futuro. Chegando ao final do nosso projeto temos como finalidade mostrar o valor dessas memórias, e a urgência de que sejam preservadas.

O trabalho realizado aqui não é definitivo e abrimos espaço para outras pesquisas a respeito desse povoado.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. P. C. Da “Selva” ao sangue à vida: o discurso historiográfico indígena no Piauí. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília: Universidade Nacional de Brasília, 2017.

COSTA, J. P. P. Memórias de sangue: histórias e identidades indígenas no povoado Sangue (Uruçuí-PI). Projeto de pesquisa (PIBIC-Jr) – Instituto Federal do Piauí, 2017.

FRANCO, R. K. G. Histórias orais dos remanescentes indígenas no território do Piauí no século XXI. In: XXI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL: POLÍTICA, ÉTICA E CONHECIMENTO, 2014, Teresina. Anais do XXI encontro nacional de história oral: política, ética e conhecimento, Teresina, 2014.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

IBGE contabiliza cerca de três mil descendentes de índios no Piauí. Cidade Verde, Teresina, 2016. Disponível em: < <https://cidadeverde.com/noticias/217875/ibge-contabiliza-cerca-de-3-mil-descendentes-de-indios-no-piaui> >. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

ÍNDIOS retomam luta por reconhecimento e querem lugar de protagonismo. Portal O Dia, Teresina, 2017. Disponível em: < <https://www.google.com.br/amp/s/www.portalodia.com/amp/noticias/piaui/piaui-e-o-unico-estado-do-pais-que-nao-possui-distrto-sanitario-indigena-293076.html> >. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

LÍDER indígena aponta principais desafios dos índios brasileiros. Rede de sustentabilidade, 2016. Disponível em: < <https://redesustentabilidade.org.br/2016/04/19/lider-indigena-aponta-principais-desafios-dos-indios-brasileiros/> >. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

MONTEIRO, J. M. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. 1995. Brasília. 1995.

MONTEIRO, J. M. Tupis, Tupias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. 216f. Tese – Unicamp, Campinas, 2001.

OLIVEIRA, J. P. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. Maná, 4 (1), 1998.

PALITOT, E. M. Um quadro de multiplicidade étnica: os povos indígenas em Crateús. In: PALITOT, E. M. (org). Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Revista Tempo, 1 (2), 59-72, 1996.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. Projeto história: revista do programa de estudos pós-graduados de história (PUC-SP), 14, 25-39, 1997.

SANTANA, A. Uruçuí: uma história a ser desbravada. Notícias de Uruçuí, Uruçuí, 2011. Disponível em: <<http://www.noticiasdeurucui.com.br/noticias/urucui-uma-historia-a-ser-desbravada-8104.html>>. Acesso: 22 de maio de 2018.